



# Antiabortistas na Junta

Setembro de 2009

## Noela Campanha (Membro da Mesa Naional de BRIGA)

“Grupos pró-vida poderán asesorar mulleres grávidas con dinheiro da Junta”. Este era o cabeçalho que aparecía na edición galega do xornal español El País há días lembrando-nos máis unha vez a incerta situación dos dereitos sexuais das mulleres na Galiza.

Em plena ofensiva antiabortista, na altura do 12 de Maio, a maioría absoluta do PP no Parlamentinho dava luz verde à Iniciativa Legislativa Popular (a primeira do novo goberno) para a creación dunha “rede de apoio às mulleres grávidas” (RedMadre, tutelada entre outras polo Foro da Familia); meses máis tarde presentan as súas emendas, à agora já Proposición de Lei, para permitir “concertos” entre a Junta e organizacións fundamentalistas católicas.

Quer dizer, o PP vai alimentar con dinheiro público os defensores da perpetuación do patriarcado para impedir, en palabras da deputada do PPdG Paula Prado, “o desprezo às mulleres grávidas para o qual tanto contribuí a esquerda seguidora das teses de Simone de Beauvoir”.

Com sinceridade, se calhar, calquera esforzo por facer novidoso o carácter deste artigo pode ser pouco frutífero, mas é que a ofensiva patriarcal parece apostar nos ataques de cariz cíclico que unha vez e outra vez nos fan reflectir sobre algo sobre que o feminismo de clase leva décadas teorizando. Negar-nos o dereito a un aborto libre e gratuíto é unha forma brutal de discriminación já que as mulleres ficamos inabilitadas do dereito a decidirmos sobre os nosos corpos e as nosas vidas.

Carece de novidade dizer que as organizacións antiabortistas están conformadas por un macizo número de integristas católicos que nos obrigam a vivir con a carga do reprodutivismo na nosa vida sexual. Assim como ligación que existe entre estas, a política institucional e a Igrexa Católica combinando à perfección misoxinia, leis punitivas patriarcais e repressom já leva séculos a existir.

Mas, desta volta, o PP, nos delírios propios das maiorías absolutas, pretende devolver-nos à famosa era “sem condom” de Fraga. Sem vergonha, parte e reparte o succulento bolo do dinheiro público entre os aliados: dinheiro para especuladores, dinheiro para centros de ensino privados, dinheiro para asociacións contra o galego, dinheiro para os repressores sexuais... Afogando a esquelética rede de servizos públicos da CAG.

Ainda que Paula Prado argumente que em nengun momento Red Madre “questiona outros dereitos e nom obedece a consideracións morais”. Se visitares a páxina da filantropía Fundación Red Madre e fores à sección de “estás grávida?” verás unha grande verdade (a única de toda a páxina): “Ninguém pode obrigar-te a atender contra a tua integridade física”. Lástima que o contexto seja unicamente no caso de que te obriguem a abortar e nom no caso de que te obriguem a gestar durante nove meses no Teu Próprio Corpo.

Mas bom, sigamos: a proposición de lei inclui a creación de centros de asistencia e asesoramento (aproveitando os centros de información à muller que existen agora!!!!) para, suposto, informar de que a sensación de abortar é “igual a que te arranquem os órganos” além de “destrócar o feto que tem instinto de sobrevivência” ou da síndrome pós-aborto e a súa “culpabilidade psicológica” por nom ter “o espírito em paz” que com toda a probabilidade te levará a “querer suicidar-te” por teres contribuído para esas máis de “100.000 defuncións por aborto em 2007”. Além do máis, no seu manifesto dim que a educación sexual, o uso do preservativo ou a utilización de anticonceptivos som “solucións esgotadas”.



INASSUMÍVEL. Se alguém afirma que estas palavras nom obedecem a considerações morais além do total desprezo por umha óptica científica, ou nom sabe ler ou mente. Entom, sobre que nos vam assessorar estes ignorantes ou mentireiros ávidos de subsídios?

As dimensões destas agressões estão presentes nom só no contexto social e político do Estado espanhol, contam com um corpo bem definido a nível internacional. Um amplo movimento reaccionário definido polo seu carácter militante e as grandes injeções de dinheiro procedentes dos partidos ultracatólicos e ultraconservadores. Grandes investimentos que velam pola eficácia desta grande engrenagem que permite a sobrevivência do sistema patriarco-burguês graças à proliferação assegurada da força de trabalho social e à protecção da instituição da família, na qual se propagam os valores do sistema.

As décadas de antiabortismo institucional supugérom arredor de 2.500 abortos anuais só entre adolescentes galegas. O feminismo tem que trabalhar por políticas sexuais que sejam independentes da moralidade patriarco-burguesa destes estados e servir de altofalante das palavras de todas aquelas mulheres que decidem nom ser maes por que sim. Que desconhecem se podem ou nom abortar pola Segurança Social. Que recorrem a clínicas privadas levadas polo anonimato da informação do web. Mulheres obrigadas a pagar quantidades desorbitadas que lhes permitam garantir a soberania sobre os seus próprios corpos. Mulheres sem recursos para um aborto e muito menos para manter umha criança. Mulheres que se deslocam durante horas para receberem assessoramento nos centros de planeamento familiar.

Efectivamente, também há mulheres que se sentem culpáveis por abortar, mas polo mesmo motivo que as fai sentir culpáveis por nom ser fiéis aos seus pares, por nom serem entregadas maes, por nom saberem atender a casa, serem referenciais no seu posto de trabalho e serem o ícone sexual que invejam os companheiros de trabalho do seu marido.

Educam-nos para sermos culpáveis por algo. Somos como ecos da Eva e, sinceramente, fagamos o que figermos, nom será suficiente para o integrismo católico e seus "laicos" legisladores. Quero dizer, o sistema patriarcal baseia-se na superioridade do homem sobre a mulher; portanto, no caso que agora tratamos, ou se é pola igualdade real apoiando o direito ao aborto e se opta por abafar o antiabortismo; ou se é por aperfeiçoar a blindagem de que goza o patriarcado e que lhe permitiu resistir qualquer dos modos de produção que existírom ao longo da história. Até o de agora nem PP, nem PSOE, nem BNG mostrárom nengumha intenção mais alô da típica e obrigada guerra de votos, do feminismo de classe depende.